

“TRAVESSURAS”: A CRÔNICA NO PARALELISMO DA ARTE COM A REALIDADE

Maria Suely da COSTA (UEPB/PROFLETRAS)

Resumo

Este trabalho traz uma leitura dos conflitos tecidos nas relações entre adultos e crianças, apresentados como motivo literário nas crônicas do livro “Um país chamado infância” de Moacyr Scliar. Terá como fundamentação os estudos teóricos de Candido (1995), Lajolo e Zilberman (1984), Mello (2010), Menin (2010), dentre outros. Parte-se da concepção de que arte e sociedade mantêm vínculos estreitos e, neste processo, a literatura se inscreve como instrumento humanizador, possibilitando a (trans)formação. As crônicas da sessão intitulada “Travessuras” revelam que a literatura é uma importante modalidade para a relação do aluno/leitor com os acontecimentos da vida cotidiana, dando forma, por meio do humor, à função educativa ao promover leituras críticas e geradoras de novos significados.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Infância. Função educativa.

Introdução

A sessão intitulada “Travessuras”, do livro de crônicas “Um país chamado infância”, tem por foco as travessuras das crianças, cuja temática principal é marcada de fatos corriqueiros e ao mesmo tempo singulares que envolvem as famílias em geral. Em suas crônicas, Moacyr Scliar aborda temas da vida cotidiana de modo a caracterizar o lado sociocultural e político dos sujeitos envolvidos. Baseado nesta condição, os casos conflitantes, oriundos da realidade, são tratados de forma verossímil no universo ficcional da crônica, de forma que ao leitor é ofertada uma literatura marcada por acontecimentos diários, os quais estão sempre ligados à emoção e ao humor, de forma ser é provável, portanto, que os fatos suscitados na leitura tenham possibilidade de levar o indivíduo a uma reflexão sobre determinada situação e que esta possa ajudar nas necessidades encontradas.

Na condição de texto literário, a crônica expressa muito bem esse paralelismo da realidade com a arte literária, considerando que ela, além de informar e entreter, ainda consegue levar as pessoas à reflexão. No ato da refletir, voluntária ou involuntariamente, somos levados a “ler na história narrada a nossa própria história” e, através das experiências vividas ou presenciadas, pode-se tirar conclusões sobre determinado assunto, até chegar às escolhas finais. A respeito disso, assinala Antonio Candido (1992, p.12-13):

Tudo é vida, tudo é motivo de experiência e reflexão, ou simplesmente de divertimento, de esquecimento momentâneo de nós mesmos a troco do sonho ou da piada que nos transporta ao mundo da imaginação. Para voltarmos mais maduros à vida.

Etimologicamente, a crônica traz a noção de tempo. Sempre vinculada a um fato real, de âmbito social ou individual, é um registro algumas vezes poético ou irônico do cotidiano. Observando o conjunto temático das crônicas em questão, observa-se que, enquanto prática social, o comportamento infantil, manifestado pela inversão e subversão dos papéis da criança sobre o adulto tende causar efeito de comicidade, na maioria das vezes, porém, o assunto pode se tornar sério. Os conflitos oriundos da relação entre pais e filhos, por exemplo, põem em foco um universo marcado por tensões, uma vez que se trata de relações distintas com ideologias distintas. Neste contexto, a questão em jogo são as relações de poder, as convenções e quebra de regras, provocando o estranhamento de situações reconhecidas como comuns. As tramas apresentadas nas crônicas em questão acabam por alimentar uma série de reflexões. Um exemplo disse é a de que se supõe que haja uma contradição da natureza, oriunda do egocentrismo da criança, ou há um respaldo para a mesma, já que às vezes é evidenciada uma falta de atenção e/ ou compreensão para com elas. Ou ainda que talvez seja difícil estabelecer um limite entre o mundo infantil e o adulto, tornando-se, pois, fundamental uma relação de diálogo e de democracia, na qual haja espaço para a construção das próprias relações de poder, em que ambos aprendam juntos a se amarem e a se respeitarem como seres humanos.

Os casos conflituosos pontuados nas narrativas de Moacyr Scliar tendem a ofertar ao leitor uma re-leitura sobre nós e para nós, através de uma exercício literário que revela sentimentos individuais e conhecimentos gerais sobre a vida social em seus múltiplos aspectos.

Arte e realidade: condição humanizadora da literatura

Sabe-se que a literatura tem o poder de transformar uma sociedade. Contudo, ela tanto pode conscientizar as pessoas a assumirem os seus papéis de cidadãos, críticos e atuantes, quando estes interferem nas decisões da sociedade em que vivem, como também pode ocorrer o contrário quando a sociedade deixa de se servir e passa a obedecer a outros grupos ou sistemas majoritários. Segundo Neto (2010), o ser humano evolui sempre e, por muitas vezes

são transformados em um “novo homem”. Ele afirma que a Literatura é participadora nos estágios de humanização do homem, pois o discurso, tanto oral quanto escrito, prepondera na construção humana. É graças à Literatura que podemos diferenciar o homem animal do passado, do homem culto atual, que passou por variados graus de leitura. Acrescenta ainda que a leitura de um livro é a expressão de um homem, e que essa mesma leitura pode atuar também na sua formação:

[A Literatura] uso o termo aqui em sentido amplo, isto é, refiro-me não somente a obras da imaginação, é fonte privilegiada para se buscar conhecimento e experiência. O homem cultivado, isto é, aquele ser que se preocupa com a sua formação, com a sua humanização, vive com os seus livros. Os seus livros fazem parte dele, o exprimem e ele aprende a se exprimir a partir de suas leituras. A leitura de um livro tem caráter ambivalente, pois é a expressão do homem e atua na formação do homem (NETO, 2010, p. 2).

No do artigo “O direito à literatura” (1995), Antonio Candido observa que é de extrema importância a construção da consciência social, uma vez que através desta se pode apelar para a discussão da complexidade da experiência histórico política. Segundo ele, em uma sociedade de extrema desigualdade como a nossa, a literatura surge como um fator de humanização, como uma expressão de arte que dá sentido ao humano, independente de quaisquer diferenças socioculturais ou econômicas. Na sua compreensão, o texto literário se inscreve como um bem incompreensível que não pode deixar de ser satisfeito sob pena de desorganização pessoal, ou pelo menos, de frustração mutiladora. Dessa forma, conforme ressaltado por Candido, a literatura expressa uma necessidade universal e um direito dos indivíduos em qualquer sociedade. A literatura é fundamental ao processo de humanização que confirme

no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor” (CANDIDO, 1995, p. 117).

Sendo assim, a literatura tem a potencialidade de nos tornar melhores e de permitir uma maior reflexão sobre a cidadania em seu conteúdo político e social, contribuindo para a formação intelectual e cultural.

Por sua vez, ao discutir a respeito da função formadora da literatura, Maurício Tragtenberg (1960, p. 3) afirma que “na época moderna à literatura cabe um papel integrador.

O papel de superar o abismo existente entre a arte e a vida, arte e ciência, na medida em que ela mesma é concebida como uma forma de conhecimento dessa totalidade, que é o homem”.

Enquanto arte literária, a crônica procura reproduzir através da escrita a linguagem das pessoas, trazendo temas atuais, os quais fazem com que o leitor se sensibilize com os fatos ali propostos. Da realidade à ficção, cada cronista traz um jeito particular de narrar as suas histórias, o segredo vem dos detalhes que são observados e repassados originalmente. Oferece-se ao leitor a possibilidade de refletir sobre si, de ler-se e conhecer-se, pois, na medida em que trata das inquietações humanas e descreve o que há de mais profundo e obscuro na alma humana.

Demo (2006, p. 43 - 44) chama a atenção para a socialização do homem, enquanto sujeito pensante e apto a mudanças. Para ele, “o ser humano ganha qualidades à medida que sabe entender suas circunstâncias históricas e naturais, e nelas intervir com sabedoria e conhecimento” Assim, conclui-se que “saber pensar acarreta a referência do outro, primeiro porque não se pensa sozinho, e segundo, porque pensar em comunidade supõe convivência igualitária, na qual um é parte do outro”. Com efeito, o diálogo entre o leitor e a obra se concretiza no ato de sua leitura. E como são inúmeros os leitores, também serão várias as interpretações e as maneiras de apreender subjetivamente os sentidos e valores axiológicos contidos no texto literário. A literatura, pois, se apresenta como um campo de construção de conhecimentos e formação de sentidos devidamente contextualizados.

Travessuras de “Um país chamado infância”: transpondo limites

O livro de crônicas *Um país chamado infância* traz aspectos da relação entre a criança e o adulto, sobretudo de país e filhos. Este, contudo, não é recomendado para as crianças, uma vez que a sua linguagem não se adequa aos padrões infantis. O público que o lê pode perceber que a leitura está mais voltada à reflexão, assim ela se enquadra aos adultos e aos adolescentes que, de certa forma, já passaram pela fase infantil. Desse modo, alguns estudos concluem que o citado livro fala sobre crianças, contudo seus textos não são indicados para as mesmas.

As travessuras destacadas nas crônicas de Moacyr Scliar vêm a propósito mostrar o comportamento infantil e como as crianças reagem ao se depararem com algo que as deixam contrariadas, ou seja, a partir do momento que as mesmas reagem negativamente às regras e

aos limites impostos por um adulto. Com humor e realismo estes episódios se mantêm na linha contemporânea, pois Moacyr consegue levar com naturalidade e transparência o modo simples de viver das pessoas.

Já no prefácio do livro *Uma país chamado infância*, ler-se a frase citada acima. Subtende-se que o autor queira mostrar, através de suas crônicas, que nem todos têm a mesma sorte, ou direito de viver dignamente a sua infância. Por causa dos atropelos do dia a dia, muitas crianças vivem numa infância de turbulência, fruto, muitas das vezes, do abandono constante ou pouca atenção da família.

Discutindo a respeito da criança, Mello (2010, p.5), fala sobre a importância de ajudar a criança a transpor limites. Em função disso, ela assinala que “quanto menor a criança, maior a tensão colocada no tripé higiene, nutrição e sono.” Através dessa experiência, conclui que é também “através desse tripé que a criança tem seus primeiros contatos com o mundo social.” No mesmo sentido, a autora encara essa relação entre a criança e o adulto, como uma ação ligada a uma rede de comunicações, a qual se faz estabelecer a relação interpessoal. Sendo assim, chama a atenção para a importância da negociação e/ ou renegociação de regras coletivas, a qual deve envolver os pais, assim como a escola e as instituições educadoras, onde essas crianças estão inseridas. Foi através de uma experiência que Mello teve com o professor e psicólogo Yves de La Taille, o qual disse que “os adultos deveriam educar não para colocar limites, e sim para ajudar as crianças a transpor limites!”, que ela adotou o lema da transposição. Assunto este que virou capa da revista *Pátio – educação infantil* (Abril/Junho 2010). A compreensão em foco é a de, quando os pais, as escolas e demais instituições que englobam o universo infantil em prol da educação entrar em acordo, ficará mais fácil para as crianças cumprirem com as regras e obedecer a seus limites.

Sabe-se que é a partir desta educação construtora, orientada dia após dia, que se pode transformar crianças em futuros adultos saudáveis, dono de suas próprias responsabilidades. Scliar (1995) ao citar o poeta Willian Wordsworth, afirma que a educação de pai para filho e vice-versa, passa por um processo mútuo de aprendizagens e ensinamentos, em que o pai aprende com o filho, ao lidar com as situações cotidianas, e o mesmo acontece quando as crianças surpreendem os adultos com as suas atitudes. Scliar (1995, p.06) registra:

Acredito muito naquela frase do poeta inglês Willian Wordsworth (1770- 1850) segundo a qual a criança é o pai, ou a mãe do adulto. A maturidade consiste em voltarmos constantemente à infância. Que é fonte inesgotável: de sabedoria e de encanto.

No contexto social e familiar, não é muito raro existir uma quebra de regras na educação de pai para filho, onde o segundo reina querendo inverter os papéis que a natureza o dita e a ordem social recomenda. Os motivos podem ter causas diversas, desde ser fruto da intimidade existente entre ambas as partes, gerada pela convivência amigável dentro dos lares, ou mesmo pela falta de atenção que faz com que a criança acredite num abandono constante por parte dos adultos. Sabe-se que de fato o que ocorre é uma espécie rebeldia por parte da criança, embora não se saiba ao certo de onde vem, até mesmo porque ela própria não sabe expressar diretamente o que se passa consigo. Na experiência familiar não são raros os ataques de euforia vir à tona. De repente os filhos se acham os donos do espaço, tornando-se difícil contornar a situação, quando estes pequenos não abrem mão para que os pais resolvam os problemas.

Os dramas narrados nas crônicas em questão são evidenciados pelas atitudes das crianças que tendem a descarregar aquilo que mais incomodam na forma de travessuras. A maioria dos casos registrados por Scliar faz lembrar um pouco da infância de cada um, pois nas “travessuras” de *Um país chamado infância* fala-se de experiências que geralmente acontecem com as pessoas no cotidiano. Por outro lado, a problemática envolvendo adultos e crianças sinaliza para as dificuldades que se tem enfrentado com a educação de crianças para a percepção do outro e o respeito por ele – a civilidade (MENIN, 2010). Hoje, mais do que nunca, são geradas polêmicas quando se fala em educação. O que tem possibilitado questionamentos de como lidar com o comportamento das crianças.

No contexto atual, importa observar que os costumes mudaram assim como a psicologia, que antes não existia. De forma que, até mesmo se problematiza se os “erros” cometidos pelos pais ou pelos professores no passado, por causa da rigidez e a intolerância em excesso, tem influenciado para agora não se saber o que é “errado” e nem o que é “prejudicial” para a educação dessas crianças e até mesmo quem deve mostrar estes limites, a escola ou a família? Segundo Menin (2010, p.9-10), “muitas vezes, nossas avaliações sobre o que devemos fazer não entram na esfera moral propriamente dita, pois podem ser guiadas por valores de outros âmbitos, como os da técnica, da competência, do poder, da posse, de bens materiais e da estética, entre outros”. Na busca de formar pessoas melhores para o mundo, Menin chama a atenção para a ineficácia da transmissão de valores e a imposição de limites, observando que “a assunção de limites aos comportamentos podem acontecer de diferentes maneiras, porém as mais eficientes e duradoras são aquelas relacionadas aos modelos recebidos e às práticas desempenhadas em situações reais” (MENIN, 2010, p.11)

As crônicas, aqui postas como objeto de análise, se relacionam umas com as outras por causa do drama vivido pelos adultos que sofrem com as travessuras das crianças. Observa-se, nos episódios propostos, que a revolta em geral das crianças apresenta-se como resposta aos adultos, pois, na maioria das vezes, o primeiro resiste e vence o segundo. Um exemplo claro aparece nas falas dos personagens como: “Por via das dúvidas já mandei fazer cópias de todas as chaves”; “Está bem, vem para dentro. Vamos esquecer tudo!”; Meu filho toma o remédio que eu te compro uma lancha, um avião, uma espaçonave de verdade”; “O jeito é ir ao cinema, mesmo” (SCLIAR, 2010, p. 11-22).

O tema proposto em cada crônica lembra que o exercício da leitura é uma experiência que põe o leitor diante de polêmicas. De fato, para o bem ou para o mal, as distintas argumentações indicam que a literatura tem sim um papel político pedagógico. A literatura contribui para que conheçamos melhor e mais profundamente o gênero humano e, assim, possamos nos conhecer melhor e nos humanizarmos.

Experiências narradas

Das nove crônicas que compõem a seção “Travessuras” do livro *Um país chamado infância*, sete possuem temáticas semelhantes. Estas chamam a atenção para a dificuldade que muitos pais têm quando o assunto em comum é a educação dos filhos. Na forma em que se apresentam os conflitos, percebe-se, de imediato, um provável desequilíbrio na relação entre pais e filhos. Contudo, mesmo com o “drama” vivido pelos adultos, ocasionado pela atitude ameaçadora da criança, identifica-se que há sempre um respaldo sobre a segunda, ao se considerar o motivo real da situação, quando esta chega ao extremo. Essa razão notada para com a criança, talvez esteja subentendida ao fato de que ela sempre consegue chegar onde quer, pois sempre são as crianças quem vencem os adultos nesses episódios narrados por Moacyr Scliar.

Na crônica “O garoto e as chaves”, o autor chama a atenção para a mania em que o menininho tem de esconder os objetos pela casa. No episódio, o narrador observa: “a primeira vítima foi uma amiga nossa... Enquanto a minha mulher a visitava, o Roberto ficou brincando. Quietinho. Quietinho até demais.” (SCLIAR, 1995, p.10) Pelo o que consta na narrativa, o menino aparentemente encontrava-se sozinho sem a presença do adulto, no momento em que

resolve esconder as chaves da casa da amiga da mãe dele. O que a criança pretende com isso, não se sabe ao certo, porém.

Outro caso polêmico está na crônica “Vou-me embora desta casa!”. A trama diz respeito da briga de uma criança de quatro anos com seus pais. O ocorrido seria porque a criança queria alguma coisa, e ao ser ignorado pelos pais, ela ameaça que vai sair de casa. Do enredo destaca-se a fala do sujeito enunciador : “Ué, mas não seria o caso de eles suplicarem, não meu filho não vai, não abandona teus velhos pais?... Vai é a dura resposta. E aí o menino não tem outro jeito: para salvar a honra (...) ele tem de partir.” (1995, p.12). Sentindo que o previsto está para acontecer, os pais se comovem e pedem para que o menino volte, o garoto aceita entrar em casa, mas sob a condição de que o comprem outra coisa mesmo que seja algo mais barato. Tudo parece está resolvido, só que adiante a cena se repete e lá vem a guerra de novo: “- eu vou-me embora desta casa!”. Temos aqui a insatisfação do ser com a realidade na qual vive. Nessa relação de poder, a ameaça de sair de casa, aparece como a única coisa que poderá realmente afetar os pais. Dentre a clássica imagem do conflito de gerações posta pela narrativa, tem-se a condição do pai que para entender o filho, “volta ao passado”, colocando-se na posição de filho, lembrando-se dos conflitos que também tinha com o seu pai.

Já no episódio de “Os truques da terapêutica”, a criança se recusa a tomar um medicamento, mesmo estando ele acompanhado de guloseimas, e em outro dia para a surpresa de seus pais, a menina põe na boca uma aspirina que encontra pelo chão. Subentende-se que a garota não gostava mesmo era das comidas que os pais a oferecia. Neste caso, os adultos não descobriram antes o motivo do “não” da criança e acreditavam que a causa era o gosto ruim do remédio. A crônica seguinte é *Lição para casa*. Scliar insinua que a princípio o pai se sente orgulhoso, dando atenção ao seu filho. O fato é que a criança chega em casa com a sua primeira tarefa para fazer, e como todos os pais, o homem fica todo lisonjeado e tenta mostrar para o filho que, em todo o caso a responsabilidade é a mais importante, e que de qualquer forma, ele terá de levar a sua tarefinha pronta no dia seguinte. Procurando ajudar o garoto na lição de casa o pai vai às bancas para ver se encontra alguma gravura (de índio) que possa ajudar na tarefa. Contudo o que se pede não é uma coisa fácil de achar e não encontrando, o pai acaba desistindo. Mas, ao chegar em casa, ele tem uma surpresa: a criança, para cumprir com a responsabilidade, retira umas gravuras de um livro valioso que estava guardado às sete chaves. O desespero foi imenso, porém não houve confronto, pois o mais importante segundo as palavras do pai era cumprir com a tarefa e isso o menino tinha feito.

Na crônica *O pai sequestrado*, Scliar fala sobre a mania dos sequestros. Com seu jeito crítico e humorado, ele retrata o dia a dia de uma família formada por três pessoas: a mãe, o pai e apenas um filho. Naturalmente, o filho fica em casa com o pai ou com a mãe quando algum dos dois sai. O que sucedeu na cena narrada foi o sequestro do pai pelo filho. A criança ao se ver sozinha, pega a chave do quarto do pai e o tranca, enquanto este ler um livro: “Num sábado à tarde você está em casa, lendo. Sua mulher saiu,” SCLIAR, 1995, p.20). Pela cena, a criança encontra-se em segundo plano, portanto, a negociação só acaba quando o pai resolve ceder prometendo levar o guri ao cinema.

A frase “nem doeu” é tema de mais uma das crônicas da sessão “Travessuras”, do autor Moacyr Scliar. Esta representa uma das frases que já ganhou espaço no vocabulário infantil e é cada vez mais pronunciada entre as crianças, quando os mesmos são “agredidos”, ou melhor, “repreendidos” através de uma palmada. Na falta de argumento. É comum a garotada se vingar soltando o verbo: “- nem doeu”. Ainda que ferida física e emocionalmente, a ousadia da criança não a deixa diminuída diante da situação. Nesta crônica, o pai prega o silêncio para mostrar solidariedade ao filho menor, mesmo não acreditando em sua resposta. A fala do narrador personagem (1995, p.24) conclui esse pensamento quando afirma: “(...) você não pode contestar – Doeu, sim, mentiroso- porque aí já é tripudiar... Tudo o que você pode fazer é manter um respeitoso silêncio, como tributo à dignidade do novo mártir da casa.”

Fechando os episódios selecionados do livro que tratam da experiência entre pais e filhos tem-se a crônica “Á prova de água”. Geralmente as crianças sofrem quando pensam na ideia de tomar banho diariamente, porém o drama começa por causa da necessidade que se tem em fazê-las caminhar até o banheiro. Tratando do banho de chuveiro, a dificuldade é grande, porém o que Scliar retrata na crônica é que os outros tipos de banho, como por exemplo, os de mares ou de piscina, estão na preferência das crianças (SCLIAR, 1995, p. 25):

(...) será que é com o banho mesmo a coisa? Não deve ser, porque piscina, tanque, mar, rio ou mesmo qualquer charco são aceitáveis... Ele não quer ficar limpinho, penteadinho, arrumadinho. Ele quer ser o demônio que corre pela rua, pelo quintal ou pelo *playground*, a cara preta de tanta sujeira; e como demônio, ele odeia esta água purificada pelo cloro das hidráulicas e regulada pelas torneiras de metal brilhante.

Scliar parece imaginar o fato pelos olhos da crítica ao padrão estabelecido como regra a ser seguida.

Com efeito, todas as tramas aqui citadas se interligam pelo confronto gerado devido ao choque de “interesses” entre gerações, em que de um lado há uma criança que deseja viver

sem regras, e do outro há os pais, adultos que querem que os filhos cumpram com seus “deveres”, constituindo o lugar de tensão dessas narrativas.

As duas últimas crônicas da sessão “Travessuras” do livro *Um país chamado infância* de Moacyr Scliar se divergem um pouco das demais aqui citadas. Ao passo que o grupo de crônicas comentadas no tópico anterior falam da relação individual entre um pai e um filho, nestas duas, nota-se que as travessuras partem não somente de uma criança, mas de um grupo, e ao contrário das outras, estas duas não remetem diretamente aos pais.

Na crônica *Os terroristas* Scliar destaca a submissão que muitos passam quando criança. Scliar (1995, p. 27): “Era um professor duro, exigente - e - implacável. As provas eram feitas sem aviso prévio. Todos os trabalhos valiam nota e eram corrigidos segundo os critérios mais rigorosos.” Os alunos se desesperam em busca de uma solução, até que um dia um dos alunos teve uma ideia “O livro de chamada. A solução estava ali: tinham de se apossar do livro de chamada e mudar as notas. Um 0 poderia ser transformado em 8. Um 1 poderia virar 7 (ou 10, dependendo do grau de ambição)” SCLIAR(1995, p.27). Porém o professor não deixa brechas, porque ele saía sempre com o dito caderno. “Aparentemente, só uma catástrofe poderia separá-los. Um dos alunos telefonou do orelhão em frente ao colégio, avisando que havia um princípio de incêndio na casa do professor. Avisado, o pobre homem saiu correndo da sala de aula - deixando o famigerado livro de presenças.” (SCLIAR, 1995, P. 27). Os alunos se olham, maliciosos, porém nenhum deles tem a coragem de fazer o que haviam planejado, e permaneceram com o drama da reprovação.

A última das crônicas do capítulo *Travessuras* é uma narrativa que fala das brincadeiras de rua das crianças que moram em pequenas cidades. Nesta crônica intitulada *Minha vida como pivete*, Scliar parece deixar transparecer um pouco de sua biografia, quando o narrador-personagem relata: “Escapei do Holocausto porque meus pais vieram para este país, onde nasci” (SCLIAR, 1995, p.30). Nas mesmas palavras o autor revela também o amor que tem pelo Brasil, e agradece pela sorte que teve quando seus pais vieram embora de seu país de origem para morar aqui. E na mesma crônica o personagem fala do episódio que quase o levava a prisão: quando brincava nas ruas com alguns colegas de seu bairro, fora surpreendido por policiais da PM que vieram diretamente para prendê-los, através de uma acusação de vandalismo. Mas foi devido à bondade de um vizinho que o defendeu, fazendo-o ficar, que ele acreditou ainda mais na humildade de seu povo. Ele afirma nestas palavras: “Era o Bom fim e não a candelária era o Brasil, não a Europa Oriental” (SCLIAR, 1995, p.30).

Por fim, a criança teve quem o defendesse na hora em que ela mais precisou de ajuda, pois foi graças a um bom homem, um brasileiro, que ele não chegou a ir para a prisão: “- Garanto que ele não incomoda mais” (SCLIAR, 1995, p.30). Muitas vezes basta uma palavra para condenar ou salvar uma pessoa de algum ato, e essa atitude do homem fez diferença na época.

Neste caso, formula-se, então, uma analogia bastante fértil entre a experiência infantil e a experiência social e cultural. Por tudo isso, é crucial construirmos a consciência social para a discussão da complexidade da experiência histórico-política. E a literatura assume um papel decisivo nesse sentido, como nos mostra Antônio Candido (1995, p. 250), em seu artigo intitulado O direito à literatura: “(...) uma literatura empenhada, que parte de posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanistas. (...) [casos em que o autor] parte de certa visão da realidade e a manifesta com tonalidade crítica”.

No conjunto, as narrativas apresentadas sob o foco das “travessuras”, tendem a contrapor o consenso quando se trata de crianças: a de que a infância é um campo isento de poder. Quando se revelam aptas a agir por conta própria ou a reivindicar algo passam a condição de protagonistas dos dramas dos adultos.

Considerações Finais

Com base nas crônicas do livro *Um país chamado infância*, verifica-se que, embora não seja intenção do autor mostrar que a criança esteja acobertada da razão, todas os episódios narrados tendem ao consenso de que travessuras são típicas da infância. Sendo assim, os atos cometidos pelos personagens infantis, quando comparados com o de outras crianças na realidade, parecem comuns, pois, se considerarmos o que vivemos no passado e o que acontece com as crianças de hoje, veremos que isso tudo faz parte do mundo da infância e que as travessuras são marcas peculiares de quem ainda não compreende ou não aceita as regras e limites impostos socialmente.

Observa-se também que nos episódios vividos pelos personagens das crônicas de Moacyr, há uma falta de entendimento dos pais sobre a linguagem de suas crianças. A exemplo, a falta de diálogo, nas crônicas *Vou-me embora desta casa!*, *Lição para casa*, *O pai sequestrado* e em *Nem doeu*; e o mal entendido em *Os truques da terapêutica O pai sequestrado* e em *À prova d'água*, faz um paralelo aos acontecimentos que se passam com

muitas pessoas. A “quebra de regras” vem mostrar as dificuldades que muitos adultos enfrentam na atividade de educar suas famílias, conforme apontado por Mello, no artigo “A importância de ajudar a criança a transpor limites”, postado pela revista *Pátio*, Ano VIII (Abril/ Junho 2010), em que a autora chama a atenção para a relação interpessoal, a qual deve ser levada em consideração logo cedo, a partir dos primeiros contatos da criança com o mundo social.

Os textos de Scliar é um exemplo da relação literatura e sociedade. Neste caso, lembremos o papel humanizador da literatura, postulado por Antônio Candido, ao discorrer a respeito da condição humanizadora do homem para a construção da consciência social, a qual se adquire através da arte literária e/ ou pelas experiências diárias com o meio. Neste caso, se observa que o papel da literatura, através da matéria ficcional, baseada em fatores problemáticos da vida real, tende a possibilitar os leitores à humanização. Essa condição que torna o indivíduo apto a mudanças está ligada a reflexões imaginativas e racionais do ser humano com a sua realidade.

As crônicas em questão recuperam fatos do cotidiano que passariam despercebidos. Sendo assim, as crônicas de Scliar constituem um papel social, um meio de reflexão dos assuntos cotidianos. Seus textos constituem também em uma transformação da atualidade em contemporaneidade, pelo caráter atemporal das crônicas. Para o leitor, o importante, nesta perspectiva, é manter o olhar crítico, para além da obra e das discussões tão ao gosto de certos intelectuais. É preciso perder as ilusões e reconhecer as limitações humanas. Então, a leitura poderá contribuir para o nosso crescimento intelectual e, assim, quem sabe, possamos nos tornar indivíduos mais humanos e melhores.

Referências

CANDIDO, Antônio, "A vida ao rés-do-chão", em *A crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, Campinas/ Rio de Janeiro: Ed. da Unicamp/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 13-22.

_____. O direito à literatura. In: _____. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CECCANTINI, João Luís C. T. (organizador). *Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de Gramado*. – São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2004.

DEMO, Pedro. *Formação permanente e tecnologias educacionais*. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2006

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: histórias & histórias*. São Paulo: Ática, 1984.

MELLO, Ana Maria. "A importância de ajudar a criança a transpor limites". In: *Pátio*. Ano VIII, nº 23, abril/junho 2010. ISSN: 1677-3721, p. 5-7.

MENIN, Maria Suzana de Stefano. "Educação moral na primeira infância". In: *Pátio*. Ano VIII, nº 23, abril/junho 2010. ISSN: 1677-3721, p. 8-11.

NETO, Anselmo Pessoa. "Conhecimento, experiência e literatura: a humanização do homem". In: *REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA LITERATURA*, Ano IX, nº 11, 2004. Disponível em:

<http://www.lettras.ufrj.br/ciencialit/terceiramargemonline/numero12/i.html>. Acesso em 19/09/2010.

PIMENTEL, Lúcia Góes. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. 2ª ed. São Paulo, SP: Editora Pioneira, 1991.

PRADO, Maria Dinorah Luz. *O livro infantil e a formação do leitor*. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SCLIAR, Moacyr Jaime. *Os melhores contos de Moacyr Scliar/ seleção de Regina Zilbermann*. – 6ª ed. – São Paulo: Global, 2003.

SCLIAR, Moacyr Jaime. *Um país chamado infância*. São Paulo, SP : Ática, 1995.

SCLIAR, Moacyr. – entrevista ao Professor Wagner Lemos em <http://www.wagnerlemons.com.br/entrevistamoacyr.htm> - acesso em 19/09/2010.

TRAGTENBERG, Maurício. *A importância da literatura para o homem de cultura universitária, qualquer que seja sua especialização*. **Separata da Revista de História** Nº 44, 1960, (FFCL – USP), São Paulo. Publicado na *Revista Espaço Acadêmico*, nº 07, dezembro de 2001. Disponível em http://www.espacoacademico.com.br/007/07trag_literatura.htm.